

Contação de história

24/09 - 11h

"As árvores e o tempo", com Ester Sá

A contação reúne histórias que tem como mote as árvores, numa homenagem a estes seres tão vitais à nossa existência. Na primeira história, o mito de criação dos Ticuna. A segunda, uma história real, atual e cotidiana. A contação reflete a relação do homem com a natureza, por vezes, desaparecido de que ele faz parte dela.

Encontros

25/09 - 10h

Vivência "Café & bordado"

As mulheres atingidas por barragens utilizam a costura para contar as violações cometidas na construção de barragens. Esta vivência pretende proporcionar uma conversa entre as participantes no intuito da troca de experiências. Os relatos das atingidas, singulares, são um convite à solidariedade e a coletividade, para percorrer estas memórias e vidas. De mente e coração aberto, durante um café da manhã de domingo, como que em uma conversa entre vizinhas de longa data, elas esperam ser vistas e escutadas por você. (Classificação livre)

27 a 29/09 - de 10h às 13h

Oficina "Arpilleras: bordados e políticas"

A oficina visa elaborar arpilleras a partir das vivências, experiências e reflexões das participantes. Será resgatada a história desta técnica têxtil, cuja origem é a cultura popular chilena, e sua ressignificação pelas mulheres atingidas por barragens no Brasil. Toda a costura é feita a mão, utilizando agulhas, fios e retalhos, podendo ser acrescentados acabamento em crochê e elementos tridimensionais, como bonecas. (Classificação livre. Vagas limitadas.)

O que é

Arpillera (juta, em espanhol) é uma técnica originária do Chile, na qual se costuram retalhos de tecido sobre juta. Naquele país, as mulheres utilizaram essa ferramenta especialmente entre as décadas de 70 e 90 para denunciar as atrocidades cometidas pela ditadura de Augusto Pinochet.

Costurando denúncias sobre a ditadura e memórias dos desaparecidos durante o regime, ao fazer as arpilleras mulheres chilenas conseguiram fortalecer o movimento de resistência e dar visibilidade nacional e internacional sobre as violências sofridas no país.

É com esse sentido político que mulheres atingidas por barragens no Brasil e integrantes do MAB resgatam a técnica, visando de forma artística denunciar violações ambientais, sociais e culturais que as atingem em consequência do modelo energético atualmente adotado no país.



sesc 70 anos



18 a

30/09

ENTRADA
FRANCA

**Centro Cultural
Sesc Boulevard**

Boulevard Castilhos França, 522/523
Belém - PA - Campina (prox. ao Ver-O-Peso)
Informações: (91) 3224 5305 / 5654

sesc 70 anos

ARPILLERAS AMAZÔNICAS

Costurando a luta por direitos

“No meio da Amazônia existem pessoas e essas pessoas falam. E se as pessoas não falarem, o rio vai falar” (Dulce, moradora de Jaci, comunidade espremiada entre as barragens de Santo Antônio e Jirau, em Rondônia)

O Centro Cultural Sesc Boulevard e o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) apresentam a exposição “Arpilleras Amazônicas: Costurando a luta por direitos”. A mostra traz um conjunto de telas de tecidos, peças únicas costuradas a muitas mãos por mulheres atingidas e ameaçadas por barragens da região Amazônica.



PROGRAMAÇÃO

18/09 - 10h

Mostra expositiva

Abertura da mostra “Arpilleras Amazônicas”

Exposição de um conjunto de telas de tecidos, peças únicas costuradas a muitas mãos por mulheres atingidas e ameaçadas por barragens da região Amazônica.

20 a 30/09 - de 09h às 19h

Visitação, com possibilidade de agendamento de grupos.

20 e 22/09 - 19h

Cine-debate: “Jirau e Santo Antônio”

Prostituição infantil, contaminação da água, centenas de quilômetros de árvores mortas, toneladas de peixes assassinados, milhares de famílias desabrigadas e sem emprego. Parece que o progresso prometido pela construção das hidrelétricas no rio Madeira passou longe daquela região. O documentário homenageia Nilce de Souza Magalhães, a Nicinha, mulher, pescadora e lutadora, que meses após dar entrevista para este filme foi assassinada. (Class: 16 anos; Duração: 66 min)

27 e 29/09 - 19h

“Mãe da Amazônia” e “Tucuruí, saga de um povo”

O documentário “Mãe da Amazônia” de Rogério Soares enfoca vários aspectos da vida de Edizângela, tendo como pano de fundo hidrelétrica de Belo Monte. Ribeirinha e mãe de cinco filhos, essa mulher vê sua vida mudar com a construção da barragem.

(Duração: 25 min; Classificação: Livre)

“Tucuruí, a saga de um povo” mostra que os mais de 25 anos de funcionamento da barragem de Tucuruí, a terceira maior do país, não significaram necessariamente o envolvimento para a região. (Duração: 16 min; Classificação: Livre)



No Brasil

As Arpilleras trazem o testemunho da dor, mas também da esperança, força e justiça da organização e luta que uma mulher de todo o país sob uma só bandeira: a do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB). As origens do MAB remontam ao final da década de 70, desde então com o intuito de fortalecer a defesa dos direitos de comunidades atingidas pela construção de hidrelétricas. Atualmente, o MAB se esforça também em realizar um contraponto aos modelos energéticos adotados pelo Brasil, bem como fazer um trabalho de conscientização política desde a base, com as famílias atingidas.

Realizadas durante oficinas coletivas onde são discutidas questões de gênero, ambientais e políticas vivenciadas cotidianamente por suas fazedoras, as arpilleras são testemunhos das violações e ao mesmo tempo sementes de organização e empoderamento das mulheres na base do movimento.

Em tempos de inflexão política, a exposição das arpilleras também traz a reflexão sobre a necessidade de criar novas formas de organização desde a base da sociedade, que possibilitem os “de baixo” a participação ativa na construção da jovem democracia brasileira.

Na Amazônia

Atualmente o MAB possui uma coleção com cerca de 90 telas, que envolveram em sua confecção mais de 800 mulheres atingidas por barragens em 18 estados, de norte a sul do Brasil.

Na mostra “Arpilleras Amazônicas”, em particular, é exposto um recorte desse rico acervo. Cada peça exposta traz, de maneira artística, criativa e contundente, o testemunho das violações de direitos sofridas por mulheres nas grandes obras que sangram rios e pessoas no Pará, Rondônia e Tocantins, representando uma realidade não muito distante de outros pontos da Amazônia onde há pessoas atingidas por barragens.

A destruição de laços comunitários, a violência contra a mulher, a ausência de políticas públicas, o abuso no preço de luz e outras violações são temas comuns que permeiam a vida de todas essas mulheres. São ribeirinhas, indígenas, agricultoras e pescadoras, como Nilce de Souza Magalhães, a Nicinha, militante do MAB assassinada em Rondônia em janeiro de 2016, a quem a exposição é especialmente dedicada.

